

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE: INVESTIGANDO ATUANTES DA ÁREA NO ENSINO DE QUÍMICA.

Joellyson Ferreira da Silva Borba; Eduardo Gomes Onofre.

Universidade Estadual da Paraíba, joellysonuepb@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba, eduonofre@gmail.com

Resumo: Ao trabalhar com Educação Inclusiva, se torna importante falar um pouco sobre a Declaração de Salamanca, onde a mesma retrata que todas as crianças têm o direito de entrar em uma sala de aula e estudar, independentemente de ter ou não alguma deficiência, onde, a escola tem o dever de ter estruturação adequada para que esse aluno possa ter uma ótima qualidade de ensino. Sabemos que ter uma boa formação docente é trabalhoso e varia de cada profissional. Por isso, a presente pesquisa tem como objetivo, alertar os futuros profissionais da educação acerca da sua formação como futuro docente, enquanto ainda está dentro da Universidade. Despertando cada vez mais o desejo de buscar por uma qualificação melhor como profissional da Educação.

Palavras-chave: Formação Docente; Inclusão Escolar; Ensino de Química.

INTRODUÇÃO

A formação docente nos dias atuais tem se tornado cada vez mais constante e é possível verificar o quanto se torna interessante a busca pela inovação dentro das metodologias de ensino de cada um desses profissionais.

É de extrema importância comentar um pouco sobre as dificuldades apresentadas pelos alunos em aprender química, alegando ser de difícil compreensão e fora do seu cotidiano. Alegando ter muita dificuldade em aprender, por dizerem que a Química é uma ciência experimental e não encontrarem muitas vezes, o porquê de estudar Química. Vale salientar também a importância do docente em buscar meios para contornar isso, aprimorando sua metodologia e derrubar qualquer dificuldade a ser apresentada e propor um aprendizado melhor para seus alunos.

Sabe-se que hoje em dia, estamos dentro de uma diversidade social e que dentro das salas de aula nos serão apresentadas diversas culturas, religiões, ideologias e também alunos especiais, no qual o professor tem como dever, acolher e mostrar para todos os alunos que não existem diferenças em meio escolar. Mas como isso funcionaria a partir de um aluno especial na sala de aula? Sendo a mesma sala de aula, uma turma mista? Será que a instituição de ensino oferece todo o suporte que esse aluno precisará? O docente está preparado para trabalhar de forma inclusiva dentro da sala de aula?

A Inclusão pode ser algo considerado novo para algumas pessoas, mas, já vem de muito tempo atrás sendo dito que a escola nos dias atuais está apta para se trabalhar com pessoas com deficiência.

No ano de 1994, durante a Conferência de Salamanca sobre as necessidades Educativas Especiais, foi elaborado um documento em que firma o seu comprometido com a inclusão da diversidade dentro da sala de aula, onde, pode ser citado algumas pontuações feita na mesma ocasião alegando que as escolas:

- Atribuem a mais alta prioridade política e financeira ao aprimoramento de seus sistemas educacionais no sentido de se tornarem aptos a incluírem todas as crianças, independentemente de suas diferenças ou dificuldades individuais.
- Adotem o princípio de educação inclusiva em forma de lei ou de política, matriculando todas as crianças em escolas regulares, a menos que existam fortes razões para agir de outra forma.
- Desenvolvam projetos de demonstração e encorajem intercâmbios em países que possuam experiências de escolarização inclusiva.
- Estabeleçam mecanismos participatórios e descentralizados para planejamento, revisão e avaliação de provisão educacional para crianças e adultos com necessidades educacionais especiais.
- Encorajem e facilitem a participação de pais, comunidades e organizações de pessoas portadoras de deficiências nos processos de planejamento e tomada de decisão concernentes à provisão de serviços para necessidades educacionais especiais.
- Invistam maiores esforços em estratégias de identificação e intervenção precoces, bem como nos aspectos vocacionais da educação inclusiva.
- Garantam que, no contexto de uma mudança sistêmica, programas de treinamento de professores, tanto em serviço como durante a formação, incluam a provisão de educação especial dentro das escolas inclusivas. (UNESCO, 1994)

Dessa forma, cabe as instituições de ensino, estarem abertas a diversidade, buscando sempre acolher e estar sempre por perto destes alunos, incentivando-os a seguirem a vida e serem fortes, ajudando-os nas dificuldades que podem ser apresentadas.

Não podemos pensar em Educação Inclusiva sem pensar na formação de docentes que estejam preparados para receberem esses alunos. Saber em como esses profissionais da educação estão diante dessa perspectiva. Por isso, Montoan (2006, p. 23) nos afirma que,

Nosso sistema educacional, diante da democratização do ensino, tem vivido muitas dificuldades para equacionar uma relação complexa, que é a de garantir escola para todos, mas de qualidade. É inegável que a inclusão coloca ainda mais lenha na fogueira e que o problema escolar brasileiro é dos mais difíceis, diante do número de alunos que temos de atender, das diferenças regionais, do conservadorismo das escolas, entre outros fatores. (MONTTOAN, 2006)

Dentro dessa perspectiva, Repoli, et al. (2010), discutem que a inclusão deve romper com os paradigmas do conservadorismo que cercam o ambiente escolar visto que, a escola se torna inclusiva quando ela própria reconhece as diferenças entre os alunos e busca através do processo educativo a integração de todos, bem como o uso de novas práticas pedagógicas. “Não

é fácil e imediata a adoção dessas novas práticas, pois ela depende de mudanças que vão além da escola e da sala de aula” (REPOLI, et al., 2010, p.9).

Ao retratar o Ensino de Química, relacionando-o a inclusão, pode-se considerar o fato que é algo bastante desafiador, pois, se trata de algo bastante abstrato dentro do conhecimento que a mesma aborda, havendo uma certa preocupação em como a mesma será repassada para os alunos. Considerando o fato de que não se tem um acervo grande de material metodológico para ser utilizado em sala de aula. Cabendo ao docente, buscar por métodos que possam facilitar o aprendizado deste determinado aluno. Considerando também que muitas escolas não possuem profissionais capacitados para trabalhar dentro da Inclusão no Ensino de Química, não sendo feita somente essa discussão por ser no Ensino Fundamental, Médio ou até mesmo no Ensino Superior, direcionada a formação docente.

METODOLÓGIA

A presente pesquisa, apresenta caracterização de cunho quali-quantitativo, sendo considerada também um Estudo de Caso, onde, podemos definir o mesmo como, uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consistindo no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados (GIL, 2002).

Dentro das ciências existentes, durante muito tempo, o estudo de caso era encarado como procedimento pouco rigoroso, que serviria apenas para estudos de natureza exploratória. Atualmente, é visto como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos (Yin, 2001).

Babbie (1999) sugere que, na organização de um questionário, os itens, independentemente de sua natureza, sejam ordenados dos mais relevantes para a pesquisa e instigantes ao respondente para os menos relevantes e instigantes. Citando também alguns critérios a serem seguidos, durante a organização e formulação de questionários, onde, os mesmos devem:

“a) ser claros, com frases precisas e que não se estendam para além do necessário para que o respondente saiba do que se trata (e é preciso lembrar que nem sempre a temática está tão esclarecida para os respondentes quanto para o pesquisador);
b) ser singulares, não atrelando duas ou mais declarações a uma mesma resposta já que o respondente poderia ter posicionamentos distintos para cada uma das declarações;



- c) ser passíveis de resposta, evitando ou considerando a incerteza de algumas questões por serem muito específicas e demandarem um esforço mnemônico impraticável;
- d) ser relevantes, no sentido de, sempre que possível, dar a oportunidade de não responder como uma resposta válida, evitando que o respondente minta para não deixar de responder;
- e) ser curtos, deduzindo que, dado o percurso do instrumento, os respondentes lerão os enunciados rapidamente e responderão rapidamente, então, novamente, é necessário que estes sejam tão curtos quanto o possível para garantir a compreensão da questão;
- f) ser positivos, pois declarações ou questões com partículas negativas em sua constituição tendem a ser lidas erroneamente, com a partícula negativa ignorada;
- g) evitar termos tendenciosos, como as partículas negativas que podem induzir o respondente a posicionar-se negativamente sobre as questões, mesmo que este não seja um exemplo tão sutil quanto os que se manifestam em diversos instrumentos.” (BABBIE, 1999)

Mediante isso, foi aplicado um questionário com discentes que já tiveram ou que estão exercendo alguma atividade dentro do âmbito escolar, questionando-os sobre como seria a sua formação mediante a inclusão escolar. Lembrando também que o mesmo é uma pesquisa dividida em duas etapas, onde, a primeira foi desenvolvida diante da percepção deles ao estudar com alunos com deficiência, no qual, o mesmo foi desenvolvido em outra pesquisa e segue está agora como recente papel para a formação desses alunos diante do que eles vivenciaram e vivenciam atualmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no que foi descrito acima, foi elaborado um questionário, com alunos de diversas instituições de ensino superior, visando analisar como está sendo trabalhada a questão da inclusão dentro da sua formação.

Iniciando a pesquisa, foi questionado sobre como é ter um aluno com deficiência dentro da sala de aula onde o mesmo ensina (ou). Poderá ser observado que os mesmos alegaram ser algo bastante desafiador e de extrema importância para sua formação profissional, podendo ter acesso ao aluno e ajudar durante toda a sua formação escolar. A seguir, será listado alguns comentários relatando suas respectivas respostas.

QUADRO 1: PRESENÇA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA DENTRO DA SALA DE AULA.

A- Ter um aluno com deficiência em sala de aula é uma oportunidade de desenvolver minhas habilidades comunicativas e impedir uma formação baseada em Barreiras atitudinais. Além de poder me mostrar como essa pessoa é capaz e inibir a formação de preconceitos,

podendo contribuir para a minha formação enquanto cidadão que pensa um mundo para todos e todas.

B- Não tenho, mas gostaria de ter, gostaria de ter um maior contato com pessoas com necessidades educacional especial até para aprender a me portar e aprender como incluir ela cada vez mais, uma vez que a teoria e a prática não são a mesma coisa e cada necessidade tem suas singularidades. Ter um maior contato possibilitaria uma maior interação e aprendizagem para mim.

C- É uma experiência muito reflexiva sobre a prática inclusiva, assim como melhor visualização do portador de necessidade de maneira mais claro e consciente.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Seguindo adiante com a pesquisa, foi questionado como o discente (futuro docente), reagiria com seus alunos especiais, onde, alguns alegaram preocupação em saber se os alunos estão conseguindo compreender o conteúdo de forma positiva, frisando a importância de componentes voltados para a interação entre todos os alunos. Pode-se listar alguns comentários dos entrevistados acerca do assunto:

QUADRO 2: COMO VOCÊ REAGIRIA COM SEUS RESPECTIVOS ALUNOS?

A- Já tive a oportunidade de estudar e ensinar a alunos com alguma deficiência e trato-os como sendo pessoas normais sem nenhum tipo de deficiência e se precisar de alguma ajuda eu me disponho a ajudar.

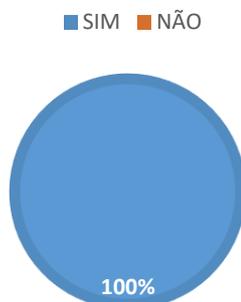
B- Preocupação, pois não sei se o aluno está absorvendo direito o assunto. Depende também de qual deficiência.

C- Procuro interagir e sinto negligenciada se não houver esta possibilidade, por exemplo, se tiver um aluno surdo é necessário o conhecimento de libras para que haja a comunicação e a universidade deve proporcionar esta acessibilidade interacional.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Seguindo com a pesquisa, foi questionado se a Universidade apresenta o componente curricular Educação Especial e Inclusiva para fortalecer ainda mais a sua formação como docente e se a mesma contribui positivamente ou deixa algo a desejar na sua formação. No gráfico a seguir, será possível observar que todos os estudantes responderam que sim e quem o componente exerce seu papel principal.

GRÁFICO 1: SUA UNIVERSIDADE OFERECE O COMPONENTE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA? ELA COMPORTA SEU OBJETIVO?



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Dando continuidade, foi perguntando aos entrevistados sobre o que eles acham sobre trabalhar com inclusão dentro da sala de aula, onde os mesmos acreditam ser algo bastante desafiador e de extrema responsabilidade. Citando também a falta de recursos para o Ensino de Química, sendo necessário a formação de algo inédito para ensinar determinado conteúdo de Química. A seguir, alguns comentários referentes a pergunta.

QUADRO 3: O QUE VOCÊS ACHAM SOBRE TRABALHAR COM INCLUSÃO DENTRO DA SALA DE AULA.

A- A Educação Inclusiva é uma modalidade que exige formação e coordenação pedagógica. O trabalho inclusivo é previsto na LDB, o que propõe aos sistemas de ensino e às escolas o planejamento, avaliação e acompanhamento da formação continuada das equipes que vão atuar em sala de aula. Dessa forma, as equipes precisam compreender a diferença entre Educação Especial e Educação Inclusiva, o trabalho pedagógico que define cada uma e as práticas e posturas a serem assumidas. É um trabalho necessário e que prescinde profissionalismo.

B- Importante. Pois ainda existe esta propagação da exclusão das crianças portadoras de deficiências é uma ação dos pais em forma de proteção de não deixa os mesmos em participar da sociedade e conviver com a sociedade. Levar o tema para sala de aula é uma prática de cidadania e também uma forma de ensinar que elas não são inferiores a ninguém existe sim apenas uma limitação que impede sua evolução da mesma forma que os demais e desta forma convidar também os professores a olharem para esses alunos de forma mais cuidadosa respeitando seu tempo de aprendizagem.

C- Necessário e urgente. Todas as pessoas têm o direito à educação de qualidade e para isso a instituição escolar precisa estar apta a não só receber, mas também garantir a permanência e sucesso desses alunos. Trabalhar com educação inclusiva em sala de aula é promover um ensino que capacite tanto o aluno com deficiência, quanto os seus colegas a conviver e respeitar as diferenças sociais.

D- Importante. São seres humanos que necessitam de um tratamento digno, e para o restante dos alunos é bacana entender e aprender como lidar/tratar/conversar com essas pessoas. E em algum momento da vida estaremos lidando com alguém diferente de nós é importante entender as pessoas para que não tenha preconceitos.

E- É uma necessidade urgente! Vivemos tempos conturbados e conflituosos na questão da inclusão na sociedade. Nesse caso, escola deve sediar, organizar e ter iniciativa em abordar essa questão e evolui-la.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Continuando a discussão, foi questionado se os mesmos, como professores, acreditam que ter alunos especiais, atrapalharia o rendimento dos outros alunos, onde os mesmos disseram que não, pois cabe ao professor, buscar meios para que isso não aconteça. Enfatizando que é seu papel buscar meios para que todos compreendam o conteúdo que está sendo transmitido em sala de aula. Tendo em vista isso, será mostrando alguns comentários referente a pergunta feita.

QUADRO 4: VOCÊ ACREDITA QUE TER ALUNOS ESPECIAIS, ATRAPALHARIA O RENDIMENTO ESCOLAR DO RESTANTE DA TURMA?

A- Não há como uma pessoa com deficiência atrapalhar o rendimento escolar de seja quem for, dado que rendimento é algo que implica variáveis individuais como: tempo de resposta à aprendizagem, notas nas avaliações, retenção em disciplinas e aprovações de cada estudante ou do coletivo. Já tive a oportunidade de estudar e ensinar a alunos com alguma deficiência e trato-os como sendo pessoas normais sem nenhum tipo de deficiência e se precisar de alguma ajuda eu me disponho a ajudar.

B- Não, na minha opinião você até consegue aprender mais, vai além da simples matéria ou conteúdo, você cresce no que se refere a ao ser humano, aprende a ser mais tolerante, entende que as diferenças existem.

C- A sala é heterogênea, isso quer dizer que os alunos nunca estarão no mesmo nível de aprendizagem. Conviver com a diversidade, seja ela qual for, proporciona ampliação da

visão de mundo, conhecer a realidade de outras pessoas, opiniões, dificuldades, enfim, só se tem benefícios.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Prosseguindo para o próximo e último questionamento, foi perguntando se trabalhar com inclusão dentro da sala de aula é importante, onde todos, alegaram ser de extrema importância, principalmente por se tratar de sua formação como docente. Vendo que, desde cedo, deve-se trabalhar com a formação social do aluno. Sendo assim, alguns comentários mostram pontos elencados dentro do próprio Projeto Político Pedagógico da Instituição de ensino diante da Inclusão Escolar.

QUADRO 5: VOCÊ ACREDITA SER IMPORTANTE TRABALHAR COM INCLUSÃO DENTRO DA SALA DE AULA?

A- Acredito que o tema da inclusão começa no Projeto Político Pedagógico da escola e deve prever questões que vão da arquitetura às atividades escolares, perpassando itens como formação continuada em serviço e financiamento, no intuito de promover um currículo que de conta da formação de cidadãos autônomos e capazes de viver em uma sociedade plural e democrática quanto à participação de todos e todas.

B- Sim. Muita gente ainda possui um discurso horrível de que pessoas com necessidades especiais não deveriam estar no ambiente escolar, então se começar a ser explorado nas salas de aula às pessoas vão começar a ter consciência da ideia absurda pré-formada antes de ter conhecimento de causa.

C- Sim, muito. A exclusão está muito presente em nossas escolas e em nossas universidades de medo muitas vezes subliminar, fazendo com que achemos que pessoas com necessidades especiais não estão na escola por que não querem, mas o que ocorre é a falta de preparo dos professores, da comunidade acadêmica como um todo, das estruturas, do currículo e também dos alunos, se a inclusão fosse mais trabalhada nas escolas acredito que esse grande déficit seria menor, talvez.

D- É importante trabalhar com a inclusão desde cedo para que se entenda os direitos de participação ativa de todas as pessoas na sociedade de forma igualitária, promoção de respeito e construção de um espaço acolhedor que valorize os conhecimentos e capacidades das pessoas com deficiência.

E- Sim. A função do ensino vai além de sala de aula, é formação de cidadãos, mostrar que deve-se trazer aquela criança ou adulto para o meio social é importante seja desperto do nas crianças este olhar para no futuro termos cidades conscientes ou ajudando na reivindicação de direito das pessoas com deficiência.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Sendo assim, se torna evidente a preocupação dos futuros profissionais da educação acerca da Inclusão Escolar. Trabalhando assim, cada vez mais a sua formação e buscando sempre o melhor para seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível notar a grande dificuldade de alguns docentes quando se trata de material para ensinar dentro da Inclusão Escolar. Sendo estas, devido à falta de meios para aplicação, recursos para determinados conteúdos e até mesmo estruturação da escola.

Vale salientar que, o professor, deve desafiar-se a crescer, crescer dentro da sua formação, buscando sempre se atualizar e visar novas oportunidades de ensino capazes de lhe motivar a ter sede em buscar por mais. Tendo o papel de brigar por melhorias na qualidade de ensino na escola em que atua e lutar também por uma sociedade mais justa, livre de preconceitos.

Contudo, vale enfatizar também a importância do componente curricular Educação Especial e Inclusiva nos cursos de Licenciatura. Vendo que até algum tempo atrás, era considerada como um componente optativo, onde muitos deixavam passar acreditando não ser algo importante para a sua formação. Por isso, se torna interessante trabalhar com questões voltadas a formação dos professores, a fim de investigar a fundo, seu processo de formação dentro da Universidade e dentro da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BABBIE, Earl. Métodos de pesquisas de survey. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

Mantoan, M. T. E., Prieto, R. G. e Arantes, V. A. (org.) (2006). Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus.

Repoli, E. A.; Mantoan, M. T. E. e Machado, R. (2010). A educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceara.

UNESCO. *Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais*. Brasília: CORDE, 1994.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.